



O pampa percussivo de **Ricardo Arenhaldt!**

Para as pessoas que não conhecem Ricardo Arenhaldt, preciso citar que ele é um artista de inúmeros talentos, que iniciou sua carreira musical em sua própria casa, inspirado pelo pai. Recentemente graduado na primeira turma de Licenciatura em Música da Faculdade IPA, implementa sua carreira como educador. Iniciou na profissão de músico aos 19 anos e tocou em inúmeros trabalhos de relevância, alguns deles com Nana Caymmi, Ivan Lins, MPB 4, Kleyton e Kledir, Os Fagundes e Geraldo Flach. Atualmente se expressa por meio de um trabalho autoral instrumental chamado Quartchêto, em que explora ritmos regionais e expande sua musicalidade através da percussão. Nas próximas páginas conheceremos um pouco do talento deste admirável músico. Com vocês, Ricardo Arenhaldt!

Por Mauro Tarakdian

MD: O que originou a produção do disco do grupo Quartchêto?

Ricardo Arenhaldt: O grupo surgiu quando Juarez Fonseca, curador do projeto Encontros Insólitos do Santander Cultural em Porto Alegre, convidou Júlio Rizzo (trombonista) e Hilton Vaccari (violonista) para interpretarem temas sul-americanos de forma instrumental. Foi aí que convidaram o gaitero Luciano e a mim, para criar uma forma de tocar percussões e bateria, sem contrabaixo. A ênfase do grupo era tocar chamamés, chacareras, milongas e vaneirões, ritmos e músicas tradicionais do pampa gaúcho, uruguaio e argentino. A partir dessa apresentação rolou uma química sonora e o grupo se consolidou. A gravação do primeiro CD se originou da formação de um repertório próprio criado durante dois anos de pesquisa dos ritmos e sonoridades, com a intenção de nos expressarmos utilizando nossas raízes musicais, mas sem nos prender a elas em demasia. Música você tem de fazer e sentir que aquele som é seu.

MD: Houve pré-produção? Onde foram feitas as gravações?

Arenhaldt: Sim, ao mesmo tempo em que criávamos as composições já registrávamos as idéias, pois no mesmo estúdio

onde foi feita a pré-produção foram feitas as gravações definitivas. Gravamos no estúdio Da Capo, com bastante tempo, já que o local é de propriedade de um dos componentes do grupo.

MD: Como este CD é um trabalho independente, como ele é divulgado? Acontecem muitos shows com esse propósito?

Arenhaldt: O CD foi gravado através da LIC (Lei de Incentivo à Cultura-RS) em 2005 e fizemos uma divulgação muito grande no lançamento. Em Porto Alegre acontece anualmente o Prêmio Açorianos de Música e em 2006 vencemos em quatro categorias. Ganhamos como melhor CD regional, CD do ano, melhor espetáculo e ganhei como melhor instrumentista regional. Isso me deu uma grande alegria, pois em 2002 havia ganhado como melhor instrumentista de MPB e em 1996 como melhor baterista/percussionista. Outra surpresa foi sermos escolhidos para participar do 1º Circular Brasil/Música Instrumental, um projeto da Petrobras. Em 2007 fomos um dos cinco projetos contemplados do Natura Musical e viajaremos em fevereiro e abril deste ano por oito capitais brasileiras. Fomos contemplados também no Itaú Cultural e estaremos em São Paulo dia de 9 de março para gravar o DVD comemorati-

vo. Tudo isso foi o CD que nos proporcionou. A agenda da turnê Natura Musical é a seguinte: dia 10/02 em Goiânia, no teatro Goiânia; dia 12/02 em Brasília, no teatro dos bancários; 14/02 em Curitiba, no teatro Regina Vogue e dia 15/02 em Florianópolis, no teatro Álvaro de Carvalho. É importante salientar que todos os shows são gratuitos e antes de cada um haverá um workshop com o grupo. No dia 9/03 estarei com o grupo Quartchêto registrando em DVD este show ao vivo, no projeto Itaú Cultural.

MD: As faixas do disco foram improvisadas ou todas foram construídas a partir de uma idéia preconcebida?

Arenhaldt: Todas as faixas foram preconcebidas, mas houve improvisação na criação, tanto que uma música foi composta coletivamente durante um churrasco. Em outra, o gaiteiro tocou a primeira parte de um tema e compus a segunda parte em cinco minutos. Há temas em que o trombonista e o gaiteiro improvisam dentro de uma estrutura fixa na música, mas nos shows

nos permitimos toda a liberdade. No show há dois momentos em que exploro os ritmos do sul e improviso livremente.

MD: Qual foi o set de bateria utilizado?

Arenhaldt: Utilizei uma percuderia, pois não temos baixo no grupo, então adaptei o set de uma forma que soasse com pressão, mas o mais acústico possível. Meu bumbo é um floor tom (surdo) de uma bateria pingüim ano 1969 que foi do meu pai. A caixa é da mesma bateria e a coloco do lado esquerdo do hi-hat, é maravilhosa. Uso um cowbell com pedal ao lado da máquina de hi-hat e no lugar da caixa uso um doumbek. Meu set de pratos na gravação foi: dois crashes e um china de 20", um ride e dois hi-hats, sendo que o fixo é um china de 12" embaixo e em cima um splash de 10"; o bombo legüero fica no lugar do floor tom. Também uso pandeiro para tocar vaneirão e xote. Uso efeitos como sementes, shakers e blocks diversos.

MD: Explique como se deu o surgimento do seu kit, que mistura elementos percussivos junto a uma bateria.

Arenhaldt: O set foi se formando à medida que as músicas exigiam determinados instrumentos. Não fiquei, e até hoje não fico, preso ao set. Minha formação foi com um percussionista de orquestra e acredito ter sido aí que comecei a gostar de percussão. Comecei pelo pandeiro nos anos 90 — quando me dei por conta estava tocando pandeiro no palco e aí fui obrigado a estudar. Depois comecei a comprar e a construir alguns instrumentos e desde então não parei mais. Gosto muito de berimbau e do cajon. Uma das coisas que mais me atrai na percussão são as possibilidades sonoras que podemos descobrir e aplicar, e as coordenações que surgem quando queremos combinar vários timbres soando juntos.

MD: Ouvindo o CD percebe-se que você utiliza instrumentos de percussão. Você gravou todas as trilhas de uma só vez ou usou overdubs?

Arenhaldt: Gravei todos os temas com o máximo de instrumentos que a situação permitia. Em alguns temas acabei colocando um shaker mais tarde. Coloquei também alguns blocks. Gosto do

som que o instrumento produz quando é tocado ao mesmo tempo. Parece-me que as sobras de esteira e de grave fazem parte de um som acústico e a soma do todo me agrada muito.

MD: Dentre os instrumentos de percussão que toca, com qual você mais se identifica?

Arenhaldt: Identifico-me mais com o bombo legüero e com o pandeiro.

MD: O som da bateria no CD é muito sofisticado e suave. Que tipo de peles você utilizou? Como afinou os tambores?

Arenhaldt: Usei peles ásperas. Tocamos várias músicas que exigem um som de vassoura claro e bem presente. Adoro tocar com vassouras e tenho preferência por essas peles. A tensão das peles é aquela na qual o tambor soa melhor. Não gosto de usar tensão alta nos tambores, somente faço isso quando o tambor não responde de outra forma.

MD: Como foi sua formação como baterista? Você estudou com algum mestre?

Arenhaldt: Acredito que os ensaios diários em casa, com meu pai e meus três irmãos mais velhos, foram determinantes. Aos 8 anos meu pai pediu que escolhesse um instrumento, pois tínhamos um equipamento completo de uma banda de baile montado em casa. Os ensaios da banda aconteciam em casa, eu estava sempre envolvido com música. Comecei a tocar bateria sob orientação do meu pai, que já tocara rabeca, banjo e nessa época era baterista. Nunca pensei em ser profissional até meus 19 anos. Virei baterista num período em que fazia faculdade de Jornalismo em Porto Alegre e faltou dinheiro até para comer. Durante esse período um grande amigo meu me levou para sua casa para ouvirmos um som e ele colocou um LP do Jack DeJohnette. A partir desse momento descobri que seria músico. Então voltei para a casa de meus pais em Lajeado e ia semanalmente a Porto Alegre estudar com Daniel Lima, que é percussionista da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre. Estudava oito horas por dia e aos fins de semana tocava em bailes. Também ouvia muita música boa. Daniel foi meu mestre, pois aprendi a ler e a escrever música e a interpretar os poucos métodos que chagavam até nós. Em 1996 comecei a estudar com Kiko Freitas e fiquei com ele até que se mudou para o Rio, acho que foi no ano de 2002. Foi um período muito rico, pois cresci muito técnica e musicalmente. Tive dois grandes mestres e sou muito grato a eles.

MD: Como você iniciou profissionalmente na bateria?

Arenhaldt: Depois do período de estudos, que durou uns dois anos, voltei a Porto Alegre e meu primeiro trabalho foi com Adriana Calcanhoto, que faria seu primeiro show com banda. Acho que foi sorte, pois nunca mais parei de tocar. Fiquei com Adriana até ela ir para o Rio de Janeiro.



MD: O quão importante é para você ler e escrever música?

Arenhaldt: Ler e escrever música é tão importante quanto falar, é a comunicação básica do músico. Em muitos dos trabalhos em que atuo é imprescindível saber ler. Trabalho com a Orquestra do Teatro São Pedro quando esta convida Guinga, Nã Ozzetti, José Miguel Wisnik, entre outros, por saber ler. Juntamente com o Geraldo Flach Quarteto já tive a oportunidade de tocar com Ivan Lins em várias oportunidades e é mais tranquilo quando você domina a leitura. Os estudos também ficam mais direcionados, você não fica tentando adivinhar as idéias que o método está lhe passando.

MD: Quais são os bateristas que mais influenciaram você ao longo da carreira?

Arenhaldt: Em primeiro lugar foi Jack DeJohnette, por ter me inspirado a ser músico. Por causa dele, também estudo piano. Mas há muitos bateristas que considero serem fontes infinitas, como Gene Krupa, Buddy Rich, Vinnie Colaiuta, Steve Gadd, Edson Machado, Paulinho Braga, Teo Lima, David Garibaldi, Carlos Bala e Kiko Freitas. Atualmente ouço muito Bill Stewart.

MD: Qual é a diferença entre o músico Ricardo Arenhaldt e o professor Ricardo Arenhaldt?

Arenhaldt: Acho que o músico é muito exigente com ele mesmo e o professor é mais compreensivo com o aluno. Procuo ensinar bateria, mas musicalizar o aluno é mais importante para mim. Não adianta ter um aluno muito técnico que não saiba quando mudou o acorde da música. Agora que terminei a Licenciatura em Música, compreendo que devemos formar músicos sensíveis. Acho que o músico e o professor se encontram quando pensam que a arte vem antes de qualquer coisa.

MD: Qual é a sua rotina com os alunos?

Arenhaldt: Procuo trabalhar o aluno como um todo. Para mim há coisas que não podem ser esquecidas, como técnica, movimentos, leitura,

independência, acentos, fraseado e muitos grooves. Quando o aluno tem uma tendência de ser mais técnico, aproveito e mostro como a técnica pode ser útil em vários estilos e de várias formas diferentes para que possa enxergar novos caminhos. Gosto mais de me sentir como uma espécie de orientador, e não como um professor. Gosto que o aluno se expresse da forma dele, que faça a arte que está nele.

MD: Hoje, que você já é um músico maduro, é correto dizer que menos é mais?

Arenhaldt: Menos é mais sempre que for no momento certo, mas não devemos esquecer de sempre querer mais, ainda mais se for conhecimento. Devemos nos esforçar muito para fazer o melhor num groove por mais simples que ele seja. Música é coisa séria.

MD: O que é mais importante para um baterista?

Arenhaldt: Amar seu instrumento e fazer com que ele seja um veículo para expressar tudo o que você quer dizer para as pessoas. Podemos fazer muitas pessoas felizes com nossos solos e grooves.

MD: Em sua opinião, em que os bateristas devem focar para serem bons profissionais?

- Arenhaldt:**
- 1 – Em ser bons parceiros.
 - 2 – Em ser organizados, pois o instrumento não permite desleixo.
 - 3 – Em conhecer bem a música brasileira e as diferentes músicas do mundo.
 - 4 – Em ser curiosos e determinados.
 - 5 – Em estudar sempre.

MD: Você tem endorsement de alguma marca?

Arenhaldt: Sou endorsee dos pratos Krest e das baquetas Liverpool. Tenho um ótimo relacionamento com ambos.

MD: Que dica você deixa para nossos leitores?

Arenhaldt: Sejam determinados e fortes na busca daquilo que realmente querem, mas nunca esqueçam: antes devemos ser e estar felizes.

Setups

Set Percuderia: Pingüim 1969

- A.** 14"x51/2" caixa
- B.** 16"x16" floor tom (surdo) usado como bumbo

Pratos: Krest Cymbals

1. 14" N hi-hat
2. 17" N thin crash
3. 18" N thin crash
4. 12" N china/10" N splash (montado como hi-hat auxiliar)
5. 20" L ride ou 21" N Power Ride
6. 20" N china

Percussão

- aa.** Cowbell no pé esquerdo
- bb.** 10" Doumbek Remo

cc. Bombo Legüero

dd. 10" Pandeiro Bandolim de Ouro

Blocos agudo e grave Liverpool
Ganzá Liverpool
Clave Liverpool
Shaker de sementes
Shaker de unhas de cabra

Peles: Luen Dudu Portes Coated Premium na caixa e Clear e resposta preta com anel abafador no bumbo.

Baquetas: Liverpool
EX-117 Exclusive Mauro Tarakdian, 7A Marfim, vassouras retráteis de aço medium, vassouras de nylon, Wood Stick RD163 e baquetas com ponta de feltro soft, medium e hard.

Microfones

- T.Bone kit com sete peças
- AKG C418 para pandeiro

Bateria: Yamaha Maple Custom Absolute em Maple Natural

- A.** 14"x51/2" caixa
- B.** 10"x8" tom
- C.** 14"x12" tom
- D.** 22"x16" bumbo

Pratos: Krest

1. 14" N hi-hat
2. 17" N thin crash
3. 18" N thin crash
4. 9" R splash
5. 12" N china/10" N splash (montado como hi-hat auxiliar)
6. 21" N Power Ride
7. 20" N china

Percussão

- aa.** Cowbell no pé esquerdo